MEMÓRIAS DO ALGODÃO QUIXADÁ – ANTIGA ALGODOEIRA LOCALIZADA NO CENTRO DA CIDADE.

Isabella Lima Bezerra./a[1]

Resumo: A pesquisa tem por base desenvolver uma análise sobre os tempos áureos do algodão em Quixadá-CE, mediante um antigo quarteirão que abrigava uma fábrica algodoeira na cidade, intitulada Baquit Comércio e Indústria S/A. E, compreender também outros vetores além da produção algodoeira, como, por exemplo, as organizações e eventos de reprodução social que estão inseridos no âmbito do desenvolvimento e estruturação do algodão, atrelados à sociabilidade. O período estudado será do início do século XX, aproximadamente, 1910 até o final da década de 1990.

Palavras-chave: Algodão, Quixadá, Memórias.

Introdução.

Intitulada de Sociedade Indústria Reunida LTDA – SIRLA - como era popularmente conhecida, até ser mudada para Baquit Comércio e Indústria S/A. Sobre essa indústria algodoeira, não há nenhum trabalho relacionado especificamente para ela. O que deixa a pesquisa mais apta para se explorar e gerar inquisições. O quarteirão inteiro se interligava à fábrica, uma construção muito antiga que data aproximadamente, do final do século XIX e início do século XX, contudo, nem sempre o quarteirão pertenceu a essa família. Tendo o senhor Leon Gradvhol como o dono anterior.

A fábrica foi desativada desde o início dos anos 2000, segundo o ex-funcionário Francisco Carlos Saraiva de Brito. Entretanto, desde a década de 1990 não tinha tanta funcionalidade como em períodos anteriores, em decorrência da praga do bicudo, que assolou praticamente todas as indústrias algodoeiras brasileiras no período de 1980 e 1990.

[1] Isabella Lima Bezerra. Estudante do curso de Licenciatura Plena em História, pela Universidade Estadual do Ceará. Faculdade de Educação Ciências e Letras do Sertão Central – FECLESC.

E-mail: isabellalima829@gmail.com, isabella.bezerra@aluno.uece.br

Atualmente, o imóvel encontra-se em ruínas, mas é perceptível que ali funcionavam uma enorme fábrica devido os amplos galpões e as casas antigas, utilizadas como moradia dos donos, e, posteriormente, para abrigar o funcionário, Francisco Airton Bezerra, cuja função era ajustar os maquinários a qualquer horário do dia ou da noite para produção não parar. Essas informações fazem parte das memórias sobre o lugar, é uma memória individual de cada ex-funcionário entrevistado que carrega em si uma bagagem histórica.

Este trabalho possui caráter exploratório, visto a importância da investigação para a memória local. Fundamentado em memórias coletivas. Segundo Jaques Le Goff (1990), a memória é um domínio que mantém os conhecimentos e se destina a um grupo de aplicações psíquicas que renova e incrementa informações passadas, considerando-as do passado. Diante disso, a fotografia é uma ilustração de um acontecimento que passou, faz parte da construção das memórias e interpretação de uma época.

Diante disso, a história oral impulsiona uma averiguação consistente acerca do tema, quando confrontada com pesquisas já fundamentadas e disponíveis para indagação. Para Candau (2012), “Cada memória é um museu de acontecimentos singulares aos quais está associado certo “nível de evocabilidade”8² ou de memoralidade. (...)”. (Candau, 2012, p.98)

Logo, a pesquisa também irá agregar as festas que se davam em Quixadá, em decorrência da cotonicultura na cidade. Chamada de festa da “Rainha do Algodão”, mostrava as belezas femininas da cidade de Quixadá. Porém, as filhas dos operários das indústrias algodoeiras não podiam participar, o que gerava uma distinção social. As moças da época que levaram o título de rainhas do algodão ainda são lembradas com muito orgulho na cidade. Chegando a levar também o título de Miss Quixadá.

Metodologia

A pesquisa faz parte da construção das memórias do algodão na cidade de Quixadá-CE, que apesar de ter sido um polo industrial algodoeiro, fala-se pouco sobre as indústrias quixadaenses, principalmente da estudada em questão.

As fontes são entrevistas realizadas no período de novembro de 2023, com dois ex-funcionários. E, uma entrevista com um ex-comerciante local de uma loja de tecidos, realizada em junho de 2024. Os dois ex-funcionários são: Francisco Airton Bezerra e Francisco Carlos Saraiva de Brito. O ex-comerciante foi Joaquim Capistrano Júnior, ele era dono da loja de tecidos intitulada, Casa Olinda.

Além das entrevistas, foi analisado também o documento do quarteirão, com plantas que mostram cada ambiente da fábrica. E, fotografias do período, mais a foto encontrada no museu de Quixadá, porém, essa não possui data específica. Entretanto, conforme o livro Fortaleza Eclética, Mestiça, Solar e Barroca de João Lucas Vieira e Eugênio Moreira, a imagem data de aproximadamente 1900.

As outras imagens foram retiradas de jornais da época, que relatam sobre as memórias da Rainha do Algodão, uma festa que mostrava ao Ceará e ao país, as belezas femininas, contudo fazia distinção social, não eram todas as pessoas que podiam participar do evento. Assim, como não podiam participar as filhas dos operários e nem os operários das fábricas de algodão.

Cotonicultura em Quixadá - Fábrica Baquit Comércio e Indústria S/A e as Festas do Algodão.

O algodão existe em solo brasileiro desde os primeiros habitantes dessa terra. “Antes do descobrimento do Brasil já existia a cultura do algodão em nosso país. Verdade que o aproveitamento da malvácea não se fazia com a mesma intensidade que passou a ter após o processo moderno de industrialização do produto. ” (COSTA, 2002, p.364). Conforme relatado pelo escritor e memorialista quixadaense João Eudes Costa, os indígenas não usavam o algodão com tanta atuação, como passou a ser usado após a Revolução Industrial.

Dessa forma, o algodão após a Revolução Industrial trouxe um maior desenvolvimento econômico, possibilitando maquinários essenciais no processo fabril. Foi ainda no início do século XIX, especificamente, entre 1870 e 1880, que o algodão passou a ser fator de enriquecimento para o Estado do Ceará.

Contudo, já estava sendo cultivado comercialmente desde o final do século XVIII, com o intuito de exportar para as indústrias têxteis inglesas. Mas, devido a grandes secas, o algodão teve seu ápice apenas em 1845, tendo decadência nas grandes secas, porém, sempre como fator econômico para o Estado do Ceará.

Logo após a seca de 1877-79, já a partir do quinquênio de 1850-85, os volumes das exportações de algodão voltaram a ser superiores aos dos períodos anteriores de 1865-70, porém apresentando preços médios bem menores. (FARIAS, 2012, p.174)

Segundo Eric Hobsbawn (1991), a expressão “a revolução industrial explodiu” expressa que em algum momento do decênio de 1780 a 1790, as pessoas foram afastadas de suas ocupações manuais, com pequenas e demoradas produções, para um processo produtivo de imediata multiplicação, atribuído a partir de uma demanda constante de artefatos e serviços.

Pelo motivo da exportação, teve-se a criação do mercado ultramarino. No entanto, no Ceará, tiveram-se as construções das estradas de ferro que ligavam um município a outro, facilitando a locomoção das sacas de algodão. Dessa forma, é importante falar, das estradas de ferro criadas para ligar o interior do Estado a Capital.

Segundo Airton de Farias (2012), o final do século XIX, no Ceará, trouxe uma variedade na produção agrícola. Com isso, o café, transformava a cidade. Isso foi permitido graças a capitais fornecidos pela cotonicultura e pela pecuária.

Diante disso, Eric Hobsbawn (1991) afirma que a escravidão e o algodão se movimentavam juntos. No Ceará, há relatos de retirantes da seca, que saíam de seus interiores para trabalhar nas cidades que estivessem precisando de mão de obra barata. Outrossim, êxodo rural no Ceará, como relatado por Airton de Farias,

> A cidade cresceu em termos populacionais igualmente em função do êxodo rural, sobre tudo de camponeses obrigados a migrar pela estrutura latifundiária sertaneja ou pelas secas - buscavam em Fortaleza melhores condições de vida (em virtude da prosperidade da cidade) ou de assistência (muitos não regressavam mais aos sertões após o fim das estiagens). (FARIAS, 2012, p.179)

Os braços dos sertanejos, flagelados da seca ou retirantes, foram essenciais para as construções de estradas de ferro. A ferrovia foi crucial para compor o direcionamento das indústrias para centros comerciais. Além de organizar e ajudar o curso da produção. A estrada de ferro de Baturité, construída por volta de 1870, foi essencial para transacionar a comercialização da produção algodoeira e influenciou na integração da estrutura urbana. Dessa forma, como afirma Airton de Farias (2012),

> Uma obra que mostrava a hegemonia de Fortaleza (e ao mesmo tempo contribuía também para ela) foi a construção da Estrada de Ferro Baturité a partir de 1870. Esta incrementou a posição da capital como grande centro coletor e exportador da produção interiorana (sobretudo de algodão). (FARIAS, 2012, p.178)

Airton de Farias (2012) ainda cita que a demanda de algodão foi a base da economia cearense e esse negócio estava colocado para responder aos serviços da Revolução Industrial Inglesa.

Diante do exposto, não foi apenas Fortaleza que o algodão foi de grande especulação econômica, mas também para o interior, inclusive a cidade de Quixadá, localizada no sertão central. Quixadá foi considerada a maior feitora de algodão do Estado do Ceará. Devido não apenas às fábricas de beneficiamento, mas ao setor da agricultura.

Segundo João Eudes (2002), os indígenas quixadaenes, os Genipapos e os Canindés usavam os fios de algodão para fabricar cordas de pesca, cobertores e redes. Como relatado, eram peças bem rudimentares, produzidas à mão. Foi, apenas em 1820 que o algodão em Quixadá alcançou merecimento do desenvolvimento econômico do Estado. Entretanto, apenas em 1922 que Quixadá passou a ver sua economia girar quase que totalmente em torno do algodão.

Segundo o entrevistado Francisco Airton Bezerra, a cidade de Quixadá, por volta dos anos 1960-70, contava com cinco usinas de beneficiamento do Algodão. A SAMBRA (Sociedade Algodoeira Nordestina Brasileira), que foi importada por uma multinacional, tinha José de Queiroz Pessoa como autoridade e sócio. A empresa Baquit Comércio e Industria S/A. A CIA P. Machado, pertencente à Alberto Machado, a Usina Damião II, de domínio da família Carneiro. E, a Cooperativa Agrícola de Quixadá (COOPAQUI).

A fábrica de algodão em que se baseia essa pesquisa é a Baquit Comércio e Indústria S/A, que pertencia à família Baquit. Contudo, nem sempre foi chamada assim. Antes de pertencer a essa família, a indústria se chamava SIRLA (Sociedade Indústria Reunida - LTDA) e tinha como dono um francês cujo nome era Leon Gradvhol. Ele foi o primeiro a introduzir na cidade uma indústria de óleo do algodão. E antes de Gradvhol, já existia essa fábrica.

Diante disso, Abraão Baquit, um sírio-libanês, chegou a Quixadá por volta da década de 1920, implantou uma loja de tecidos na cidade, que durou até a década de 1940, quando ele e seu filho Alberto Baquit compraram a empresa SIRLA do francês Gradvhol.

> Pronto, olha Na Na a fábrica mesmo que eu trabalhei a Baquit, Comércio, Indústria, ela começou a funcionar em 1946. A data bem específica, eu lembro disso, 1946, aproximadamente, e de lá ela trabalhava exclusivamente com algodão, com o beneficiamento do algodão, né? Porque nesse momento é histórico, desse contexto histórico, é Quixadá era uma cidade que despontava aqui no Nordeste com a maior produtora de algodão, sabe? Aqui, nesse período da década de 60, já 70, que o algodão ainda estava em alta, né? Na. No cultivo? Aí é, as produções eram tão grandes que não havia depósito na fábrica, sabe que ali é fábrica grande, né? Mas não havia espaço, enchia tudo de algodão lá e eles botavam nas calçadas, na calçada mesmo e iam colocando os sacos, né? Os fardos de algodão, porque não dava vencimento, os carros eram chegando e fazendo entrega. E aí é? Foi o período Áureo, né? Aqui da história de Quixadá, que foi na época desse algodão. Aí, a partir de 80, da década de 80 para cá, aí entra na história o bicudo, né? O bicudo, que é uma, foi uma Praga. Assim, dizem até que foi desenvolvido em laboratório, né? E soltada aqui pra poder por causa da concorrência. Você sabe que isso é, é, é perfeitamente possível, né? E aí o bicudo foi acabando e acabando e as pessoas começaram AAA perder as esperanças, né? Isso sem contar

> também com a escassez dos invernos. O inverno começou a escassear. Também é. E, aí as fábricas, algumas foram fechando, né? E a Baquit, Comércio e Indústria, ela permaneceu. Continuou, né? Batalhando, assim, diminuiu as turmas de pessoal a os operários, né? Diminuiu a quantidade e ainda assim, agora, quando foi no período de 80. 80, não? No período de 94, mais ou menos. De 94 por aí, aí começa a decadência do algodão, né? E, consequentemente, a decadência da indústria também. (FRANCISCO SARAIVA[2], 2023)

Entretanto, a empresa nem sempre foi de Leon Gradvhol, antes dele, pertencia a um homem chamado Daniel de Moura. O entrevistado Francisco Airton Bezerra fala sobre isso e disse que foi nessa época que trabalhou na fábrica o cantador conhecido por Cego Aderaldo. Ele ainda relata que o cantador ficou sem enxergar logo após sair do trabalho e tomar um copo d'água em uma vizinha do quarteirão. Ou até mesmo, em alguma casa do quarteirão, ele não sabe ao certo. Não chegou a presenciar isso, mas ouvia a história pelos colegas de trabalho.

João Eudes em seu livro Retalhos da História de Quixadá (2002), fala sobre isso e diz que Cego Aderaldo operava uma caldeira de lenha na empresa do senhor Daniel de Moura, justamente, a empresa que anos depois passou a ser da família Baquit, e ao sair do trabalho com o corpo quente pediu água em uma casa nas proximidades do quarteirão e logo em seguida teve uma enorme hemorragia nos olhos, deixando-o cego. João Eudes relata isso com toda certeza, pois era amigo próximo de Cego Aderaldo. Todavia, não se sabe qual a casa e qual o nome da mulher que lhe deu água.

Conforme a entrevista com o ex-comerciante e filho de Quixadá, Joaquim Capistrano Junior, ele diz que:

> Quixadá tinha a maior produção de algodão do Sertão Central entre as décadas de 1960 e 1970, e talvez em 1970, Quixadá talvez foi o município com maior produção algodoeira do Nordeste. E tudo era uma produção absurda, porque o Quixadá produzia algodão demais, né? Olha a quantidade de fábrica que tinha, né? Todas produziam bastante. (JUNIOR CAPISTRANO[3], 2024)

[2] Francisco Carlos Saraiva de Brito, professor de História, ex-funcionário da Baquit Comércio e Indústria S/A, casado. Residente na cidade de Quixadá/CE. Entrevista realizada por Isabella Lima Bezerra no dia 07/11/2023.

[3] Joaquim Capistrano Junior, Ex-comerciante dono da loja de tecidos chamada Casa Olinda, casado. Residente na cidade de Quixadá/CE. Entrevista realizada por Isabella Lima Bezerra no dia 11/06/2024.

Quixadá, apesar de no século XX ser uma cidade pequena, comparada agora no século XXI, foi uma cidade onde o algodão teve seu ápice na totalidade beneficiando todos os industriais que se enriqueceram do algodão. Seguindo nesse mesmo enfoque,

> A cidade era pequena, a indústria, você conheceu e viu que o galpão era enorme, mas, era pequena para tanto fardo de algodão que tinha. Chegamos a colocar algodão na calçada, até ali nas proximidades do quarteirão. Na Baquit Comércio e Indústria S/A era assim, e, na outras indústrias do mesmo jeito. Muita produção em toda cidade. Era muito algodão. Esse tal de bicudo acabou com tudo, não se sabia conviver com ele. Foi tudo muito rápido. (TIQUINHO[4] – FRANCISCO AIRTON, 2023)

Segundo o documento do quarteirão, no Cartório de Registro de Imóveis – Lafayete de Albuquerque Lima - Oficial, que data de primeiro de abril de 1977. O terreno localiza-se entre as ruas Clarindo de Queiroz (atual praça que leva o nome Coronel Nanam), José de Alencar, José Jucá e Rodrigues Junior. Cada pavimento, indica alguma coisa, tem a descrição de onde funcionavam as máquinas de beneficiamento, onde eram colocadas as caldeiras, onde se extraia o óleo e a torta. Afinal, cada processo feito dentro do quarteirão, inclusive, as casas que ficavam para a Rua Clarindo de Queiroz.

Quixadá faz parte da região do Sertão Central cearense, sendo destaque econômico entre as décadas de 1960 e 1970, em decorrência do ápice do algodão. Quixadá abastecia fábricas têxteis da Inglaterra e do Sul do país. Todavia, nenhum dos entrevistados que trabalharam na Baquit Comércio Indústria S/A conseguiu lembrar o nome dessas empresas. Assim, falou Francisco Saraiva ao ser questionado sobre a exportação para fora do país e o nome das empresas atreladas à indústria qual trabalhava:

> Não, não tem, não, porque no quando eu cheguei lá, eu trabalhei 24 anos lá, mas quando eu cheguei aí é é. As exportações já haviam acabado, pelo menos da nossa parte aqui, né? Sim, nós ficamos apenas. É, é, alimentando as empresas daqui, mesmo porque o algodão estava. E entrou outro concorrente, viu? Concorrente grande que foi o

[4] Francisco Airton Bezerra. Popularmente chamado em Quixadá de Tiquinho. Mecânico, ex-funcionário da Baquit Comércio e Indústria S/A, viúvo. Residente na cidade de Quixadá/CE. Entrevista realizada por Isabella Lima Bezerra no dia 15/11/2023.

> Egito. O Egito entrou também nessa concorrência do algodão, sabe? Israel produziu muito algodão na época também, né? Aí era uma concorrência direta com o Brasil. O algodão mesmo do mesmo, ele era. Porque o algodão mesmo, ele era produzido mais no Nordeste, né? Porque até o clima, ele é propício pra isso. Pois é. Na época que o algodão estava em alta, década de 50, 60, por aí, nós tínhamos duas turmas, a fábrica rodava 24 horas. Eram duas turmas, uma entrava às seis horas da manhã, saia às cinco da tarde, era o tempo para as máquinas descansar um pouquinho, fazer a limpeza, e seis horas já entrava a outra turma, que ia até às seis horas da manhã do outro dia. Era desse jeito, rodando sem parar. Para poder dar conta da demanda, da produção, que era muita, porque todo... até os... os agricultores de roça, mesmo de subsistência, eles produziam muito algodão. E aí, ajuntando, um produtor pequeno ali, outro acolá, e aí, de repente, era um montante de algodão. Nós chegamos a comprar de Goiás. Viu? Quando aqui já estava escasseando, a gente chegou a comprar algodão de Goiás. Para poder alimentar, assim, a fábrica. (FRANCISCO SARAIVA[5], 2023)

Ele narra que, ao chegar na fábrica para trabalhar, não se faziam mais exportações, estavam alimentando apenas indústrias brasileiras e que o Egito era um grande concorrente da cotonicultura. Francisco Saraiva ainda cita que entre as décadas de 1950 e 1960 a fábrica Baquit Comércio e Indústria S/A trabalhava 24 horas por dia, em duas turmas. O senhor Francisco Airton Bezerra confirmou isso.

Com essas narrativas, é perceptível que as empresas de algodão na totalidade, não podiam deixar suas máquinas pararem, para isso, por volta da década de 1970, o senhor Aziz Okka Baquit[6] convidou o seu Francisco Airton Bezerra para morar em uma das casas que ficava no entorno da fábrica e que se interligava ao quarteirão da indústria. Francisco Saraiva foi questionado sobre as casas que faziam parte do entorno da algodoeira e se tudo aquilo era pertencente ao quarteirão, assim foi sua resposta:

> Tudo fazia. Fazia parte, inclusive, o Tiquinho[7] foi morar ali porque o Tiquinho era fundamental no trabalho. que as fábricas, como

[5] Francisco Carlos Saraiva de Brito, professor de História, ex-funcionário da Baquit Comércio e Indústria S/A, casado. Residente na cidade de Quixadá/CE. Entrevista realizada por Isabella Lima Bezerra no dia 07/11/2023.

[6] Aziz Okka Baquit era filho de Abraão Baquit, Aziz também era um dos responsáveis pela empresa, foi o último dono da Baquit Comércio Indústria S/A um empresário renomado na cidade de Quixadá.

[7] Francisco Airton Bezerra. Popularmente chamado em Quixadá de Tiquinho. Mecânico, ex-funcionário da Baquit Comércio e Indústria S/A, viúvo. Residente na cidade de Quixadá/CE. Entrevista realizada por Isabella Lima Bezerra no dia 15/11/2023.

> funcionava direto, dava um prego, né? E eles tinham que ter um funcionário ali pra qualquer coisa já consertar e o Tiquinho era ótimo nisso, né? É tanto que ele mudou-se pra ali, acho que o Sr. Aziz se convidou? Foi, né? Convidou ele pra morar ali pra poder ficar mais próximo. Que era bom e ruim ao mesmo tempo, né? Pra ele. (Risos). Porque não tinha, assim, sempre que chamasse ele tinha que estar lá, né? (FRANCISCO SARAIVA[8], 2023)

Corroborando com Francisco Saraiva, Francisco Airton cita:

> Eu fiquei muito tempo lá. Trabalhei muito tempo assim, né? Era hora de 24 horas. A gente trabalhava 24 horas. Teve época que tinha duas turmas na empresa, eu precisava alinhar tudo para o maquinário não parar. Foram tempos bons, uma experiência que eu levo hoje. Fiz muitos amigos. (Chora) Eu lembro com muita emoção dos amigos que fiz. O Ananias, grande amigo. (Risos) (TIQUINHO[9] – FRANCISCO AIRTON, 2023)

Francisco Airton relatou que chegou para trabalhar operando maquinários nas algodoeiras de Quixadá ainda menino, por volta dos 14 anos. As fábricas em que ele trabalhou foram a SIRLA, antes de Abraão Baquit ter comprado a empresa, na época de Leon Gradvhol, e a Cooperativa Agrícola. O entrevistado relata que sentia um carinho enorme pelo ofício, mesmo com todo o trabalho que tinha e os horários. Francisco Airton, apelidado de Tiquinho, foi o último funcionário a deixar o quarteirão da fábrica.

> Morei ali no quarteirão até o ano de 2023, quando a família Baquit vendeu o quarteirão para o empresário conhecido de Zenir Móveis. Fiquei lá até o início do ano de 2023. Ainda tinha uma oficina mecânica nas proximidades. (Choro) Porque, depois de desativada, a fábrica passou a ter pontos comerciais, os galpões foram divididos e fiquei com minha oficina lá. (TIQUINHO – FRANCISCO AIRTON[10], 2023)

---

[8] Francisco Carlos Saraiva de Brito, professor de História, ex-funcionário da Baquit Comércio e Indústria S/A, casado. Residente na cidade de Quixadá/CE. Entrevista realizada por Isabella Lima Bezerra no dia 07/11/2023.

[9] Francisco Airton Bezerra. Popularmente chamado em Quixadá de Tiquinho. Mecânico, ex-funcionário da Baquit Comércio e Indústria S/A, viúvo. Residente na cidade de Quixadá/CE. Entrevista realizada por Isabella Lima Bezerra no dia 15/11/2023.

[10] Francisco Airton Bezerra. Popularmente chamado em Quixadá de Tiquinho. Mecânico, ex-funcionário da Baquit Comércio e Indústria S/A, viúvo. Residente na cidade de Quixadá/CE. Entrevista realizada por Isabella Lima Bezerra no dia 15/11/2023.

O senhor Francisco Airton é um dos funcionários mais antigos, ele fala com compaixão por tudo o que viveu dentro do antigo quarteirão da algodoeira. A imagem que consta no museu histórico de Quixadá, Jacinto de Sousa é sobre uma parte do quarteirão, porém não mostra a fábrica algodoeira. Mas era onde morava o seu Francisco Airton.

Ao ampliar a imagem é perceptível que a parte de cima da casa ainda continua do mesmo jeito, porém, ao que tudo indica era apenas uma única casa, e o seu Francisco Airton Bezerra deixou a casa com a mesma estrutura. A outra casa, já tinha uma estrutura mais moderna, apenas a parte de cima que continuou conforme a imagem.

Francisco Airton relata que, na foto do museu, tudo isso aí eram fazendas, e que tinha um hotel nessas proximidades. Ele ainda diz que quando a fábrica passou a ser do senhor Abraão Baquit, os maquinários que operavam eram muito grosseiros, “bruto” como ele disse na entrevista, feitos apenas de madeira, mas com o passar do tempo, o senhor Abraão juntamente com seus filhos, inclusive o senhor Aziz, passou a modernizar os maquinários e os materiais já não eram só de madeira, como também de ferro. Algo moderno para a época.

Como já falado sobre as estradas de ferro, o transporte de algodão da cidade de Quixadá para Fortaleza ou outras cidades era feito através dos trens de carga. Francisco Saraiva relata que o trem era bom devido à quantidade que se podia enviar. Francisco Airton cita que era lindo ver os trens carregados de algodão.

É importante salientar que o algodão, além de produto da economia da cidade de Quixadá, era também um movimento para realização de festas em clubes. Favorecia o lazer. Como a popular festa do algodão nas décadas de 1960-1970. A qual era feita a escolha da Rainha do Algodão. Mas, os operários das algodoeiras não podiam

participar, nem mesmo suas filhas. Por isso, pode-se dizer que o algodão era um bem-estar e uma distinção social.

> Tem essa festa do do São João. A festa do algodão era assim com muita gente. Essa festa era feita todo ano no dia 27 de outubro no dia do município de Quixadá. Rainha do Algodão, Quixadá já teve 4 ou 5 rainhas do algodão que foram também miss Quixadá. Em Quixadá, por volta de 1963-64, teve uma miss chamada Luiza Maria, ela foi Rainha do Algodão, Miss Quixadá e no concurso de Miss Brasil tirou o segundo lugar. Quase uma miss Brasil, injustiça, ela era muito mais bonita que a outra. Hoje é uma senhora, talvez na época tinha uns 20 anos. Acho que hoje mora em Iguatu. Teve outra chamada Maria Luiza, Aurenice Bessa foi miss também, Inês Costa, da família papaema. Rainha do Algodão e miss Ceará. Astrid Fontenele também era outra miss. Marido dela era muito amigo de Tiquinho. Depois pergunte a ele. (JUNIOR CAPISTRANO[11], 2024)

A festa da Rainha do Algodão era um acontecimento na cidade de Quixadá, sempre comemorada no dia 27 de outubro, data de comemoração do aniversário da cidade. Após a aclamação nesse evento, a moça vencedora ainda disputava o cargo de Miss Ceará, podendo ser até Miss Brasil.

As festas eram privadas e aconteciam em clubes. Principalmente no Balneário Cedro Clube, os eventos eram requintados e as candidatas a rainhas eram moças da alta sociedade de Quixadá. João Eudes Costa (2002) relata que já chegou a ter essas festas no clube intitulado AABB (Associação Atlética Banco do Brasil).

Contudo, pessoas com menos poder aquisitivo não frequentavam esses clubes, era nítida a divisão social. Há relatos de que se uma pessoa simples, uma operária, por exemplo, chegasse a entrar nessas festas, ela imediatamente recebia uma carta de expulsão e era obrigada a se retirar do local. Ou seja, as pessoas pobres que não podiam ter boas vestimentas, bons acessórios, não chegavam nem a adentar o clube. E quando isso ocorria, precisavam ser retiradas o mais rápido possível.

Junior Capistrano cita que as moças eram lindas e no concurso eram julgadas por sua beleza. Uma indagação sobre isso é que talvez se uma moça não fosse tão bonita para o padrão de beleza da época de 1960 e 1970, mesmo ela podendo frequentar os

[11] Joaquim Capistrano Junior, Ex-comerciante dono da loja de tecidos chamada Casa Olinda, casado. Residente na cidade de Quixadá/CE. Entrevista realizada por Isabella Lima Bezerra no dia 11/06/2024.

clubes, ela não teria chances de ganhar. Podia frequentar o clube pelo poder aquisitivo, mas não chegaria a ganhar o concurso.

As pessoas que frequentavam essas festas precisavam estar com a vestimenta apropriada. O universo das aparências é algo histórico, que perpassa vários períodos em todo o mundo. Faz parte de uma busca estética que obedece fielmente às regras de vestuário e moda. As festas eram meios de se exibir com a melhor roupa, e isso já era um meio de se distinguir entre os demais.

Os entrevistados da fábrica não falaram a respeito dessas festas. O senhor Francisco Saraiva não entrou no assunto. E, o seu Francisco Airton fala que não dava tanta importância a participar de eventos, mas que já chegou a frequentar os dois clubes, porém, ele não cita o período.

No livro de João Eudes Costa (2002), a parte que fala do algodão não cita o nome dos industriais envolvidos no evento. Mas ele também cita ser uma festa sofisticada da sociedade quixadaense e que tinha discriminação social. Era uma festa para a alta sociedade de Quixadá, industriais, comerciantes e empresários.

Junior Capistrano relata que o evento da escolha da Rainha do Algodão era grandioso. A banda de música participava, vinha até pessoas da televisão, pessoas de jornais, pessoas de fora do município iam a Quixadá assistir ao evento. O jornal A Gazeta foi citado por João Eudes (2002) no livro Retalhos da História de Quixadá.

Diante do exposto, quando se fala em Miss Quixadá, Rainha do Algodão, o nome mais popular e citado é Aurenice Bessa. João Xavier de Holanda (2015), em seu livro, Quixadá: Origem, Fatos e Vultos, cita Aurenice como um “Ícone de beleza Quixadaense”. Nome completo, Aurenice Bessa de Queiroz Silveira, ela nasceu em 1949, e faleceu em 1999.

> Aurenice Bessa foi ícone de beleza e graciosidade na sua plena juventude. Aos 15 anos de idade, na plenitude de sua jovialidade, foi eleita Rainha do Algodão de Quixadá (1964) e, representando o Município, sagrou-se Rainha do Algodão do Estado do Ceará, em concorrida festa nos salões do Náutico Atlético Cearense, em Fortaleza. (HOLANDA, 2015, p.287)

A NOVA RAINHA DE QUIXADA — Após receber a faixa de Rainha do Algodão de Quixadá de 64, Aurenice Bessa foi aclamada delirantemente pelos presentes ao Balneário. É dêste instante o flagrante que vemos acima. Nêle aparecem, além da nova Rainha, Neully Maia, soberana de 63, o Presidente do Balneário, sr. Ademir Rocha, e alguns membros da diretoria do clube quixadaense.

Imagem do dia em que Aurenice Bessa ganhou o concurso de Rainha do Algodão em Quixadá-Ce. Moça da esquerda, Neully Maia, moça da direita, Aurenice Bessa.

Fonte: < https://civitate3.rssing.com/chan-6179498/all_p2.html > acesso em 11/06/2024.

Logo, analisando a foto de Aurenice Bessa, é perceptível o quanto bem arrumadas as pessoas estavam, tanto as moças como os rapazes, e que para a época, vir a uma cidade de interior, jornais da capital, era porque o evento estava sendo muito requisitado e muito divulgado através da mídia.

Conclusão.

A história é um estudo dos acontecimentos relacionados aos indivíduos em sociedade. Faz parte das práticas ligadas ao que constitui e integra a cultura do homem. Ao analisar as entrevistas, possibilitou questionamentos dos costumes da época. Visando ver o passado e fazer projeções ao futuro. Dessa forma, a memória é um meio de comunicação que estabelece manifestações históricas. Portanto, estudar a história e a memória de um povo é compreender as mais variadas relações dos indivíduos com a sociedade através das manifestações culturais, econômicas e políticas, que ocorrem no mundo e transformam a história.

Fontes Orais.

Francisco Airton Bezerra. Popularmente chamado em Quixadá de Tiquinho. Mecânico, ex-funcionário da Baquit Comércio e Indústria S/A, viúvo. Residente na cidade de Quixadá/CE. Entrevista realizada por Isabella Lima Bezerra no dia 15/11/2023.

Francisco Carlos Saraiva de Brito, professor de História, ex-funcionário da Baquit Comércio e Indústria S/A, casado. Residente na cidade de Quixadá/CE. Entrevista realizada por Isabella Lima Bezerra no dia 07/11/2023.

Joaquim Capistrano Júnior, Ex-comerciante dono da loja de tecidos chamada Casa Olinda, casado. Residente na cidade de Quixadá/CE. Entrevista realizada por Isabella Lima Bezerra no dia 11/06/2024.

Fontes Iconográficas.

Imagem do Museu Jacinto de Sousa, localizado em Quixadá-CE.

Imagem produzida por Isabella Lima Bezerra.

Imagem de Aurenice Bessa. Facebook Quixadá Antiga. < https://www.google.com/imgres?imgurl=https://lookaside.fbsbx.com/lookaside/crawler/media/?media_id%3D1497589683734573&tbnid=Na3e-At6ihdrOM&vet=1&imgrefurl=https://www.facebook.com/QuixadaAntiga/photos/a.478834025610149/1497589683734573/?type%3D3&docid=a2IKSTubO89gfM&w=797&h=1200&itg=1&source=sh/x/im/m1/2&kgs=fca1c7fdc6b36363&shem=abme,ssic,trie > acesso em 11/06/2024.

Referências Bibliográficas.

CANDAU, Joël. *Memória e identidade.* Tradução de Maria Leticia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2018.

COSTA, João Eudes Cavalcante. *Retalhos da História de Quixadá* / João Eudes Cavalcante Costa. Rio – São Paulo – Fortaleza: ABC Editora, 2002.

COSTA, João Eudes Cavalcante. *Ruas que contam a história de Quixadá*/ João Eudes Cavalcante Costa. Rio – São Paulo – Fortaleza: ABC Editora, 2008.

FARIAS, Airton de. *História do Ceará* / Airton de Faria. -1° reimp. -6. ed. rev. e ampl.—Fortaleza: Armazén da Cultura, 2012.

HOBSBAWN, Eric J. *A era das revoluções: Europa 1789 -1848.* Tradução de Maria Tereza Lopes Teixeira e Marcos Penchel. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991 [1977].

HOLANDA, João Xavier de Holanda. *Quixadá: Origem, Fatos e Vultos* / João Xavier de Holanda. Fortaleza: RDS, 2015.

LE GOFF, Jacques, 1924 *História e memória* / Jacques Le Goff; tradução Bernardo Leitão ... [et al.] -- Campinas, SP Editora da UNICAMP, 1990. (Coleção Repertórios)

VIEIRA, João Lucas. *Fortaleza Eclética, Mestiça, Solar e Barroca*/ João Lucas Vieira, Eugênio Moreira. - Fortaleza: SECULTFOR, 2016.